

CURSO DE ATOS – IBCU – AGO/SET - 2014**AULA 4 – Novamente presos, livramento e parecer de Gamaliel; A instituição dos diáconos; Dois homens notáveis, duas conversões marcantes e um apóstolo sensível ao E.S.; Estêvão e Saulo; Felipe em Samaria e em Gaza; Pedro e João em Samaria. (At 6.1 a 8.40)****4.1 – Nova prisão, livramento e parecer de Gamaliel (At 5.17-42)**

Repete-se aqui o que ocorreu logo após a cura do coxo. Agora, não apenas Pedro e João, mas também os demais apóstolos reuniam-se no templo e faziam sinais e prodígios, curando enfermos e expulsando demônios (At 5.12-16). Como resultado, tanto crescia a multidão dos que criam, como também a oposição contra eles. Novamente os saduceus lideram a ação que redundou na prisão, agora não apenas de Pedro e João, mas também dos demais apóstolos. Mais uma noite no cárcere e, desta feita, um livramento miraculoso tem lugar. São libertos durante a noite e logo ao amanhecer voltam ao templo em atendimento ao que o anjo que os libertou havia ordenado (At 5.17-21). Um julgamento ampliado estava sendo preparado, pois não apenas o Sinédrio, mas todo o senado dos filhos de Israel estava sendo convocado. Constrangidos com a notícia de não estavam mais presos apesar de toda a segurança, e que estavam de volta ao templo continuando a ensinar o povo, mandaram busca-los, mas desta feita sem violência, pois começavam a temer o povo. Interpelados então pelo sumo sacerdote acerca da proibição, já dada na prisão anterior, de que não ensinassem ‘nesse nome’ (nem queriam citar o nome de Jesus), os discípulos evocaram o que já haviam dito na ocasião anterior (At 4.19): “ *...Antes importa obedecer a Deus do que aos homens...*” (At 5.29). A partir daí, brevemente, reafirmam sua mensagem (At 5.30-32). A reação enfurecida deles, querendo logo mata-los, fez com que surgisse uma palavra ponderada vinda da parte de Gamaliel, um fariseu que era muito considerado por todos. Ele se levanta, manda retirar do recinto os acusados e faz um pronunciamento de grande sabedoria. Gamaliel fez referência a dois movimentos cismáticos e perturbadores recentemente ocorridos, cujos respectivos líderes (Teudas e Judas) haviam morrido, causando logo a dispersão dos seus antigos liderados. Usando isso como exemplo fez uma advertência a todos, no sentido de que tivessem muito cuidado ao lidar com esses seguidores de Jesus. Se tudo fosse semelhante aos movimentos citados, não deviam se preocupar, pois logo tudo teria amainado. Mas se de fato aquele movimento fosse de Deus, eles deviam se preocupar em não serem achados lutando contra Deus (At 5.34-39). Acabaram concordando com Gamaliel, mas mesmo assim mandaram

açoitá-los e reiteraram (sempre sem sucesso) a proibição de falarem no nome de Jesus.

4.2 – A instituição dos diáconos (At 6.1-7)

O crescimento multiplicador da igreja, agregando milhares de pessoas em torno da mensagem proclamada pelos apóstolos em um curto espaço de tempo, trouxe também alguns problemas. O principal deles, ou pelo menos o que é citado por Lucas no início do capítulo 6, é o fato de como a insatisfação com a forma em que a distribuição dos recursos materiais trazidos como ofertas era feita, estava contaminando a comunidade. O grupo original (constituído por 120 judeus palestinos) rapidamente foi mudando de perfil a cada evento marcante, a partir do Pentecostes. Judeus helenistas da diáspora, mais judeus palestinos, elite judaica e suas respectivas carências familiares, logo transformaram aquele pequeno grupo inicial em uma multidão com diferentes origens culturais, linguísticas e sociais, tendo talvez como único laço comum o serem egressos do judaísmo, embora de diferentes tradições. Os dois grandes grupos então, mesmo sendo ambos judeus de origem, eram identificados como helenistas (ou gregos), e como hebreus (ou palestinos). Nesse momento não havia ainda na comunidade, nem samaritanos nem gentios. Essa insatisfação, na realidade com os líderes (os apóstolos), se manifestou em forma de murmuração do grupo que se sentia prejudicado, contra o grupo que julgavam estar sendo priorizado indevidamente em detrimento deles. Constituía-se numa espécie de cobrança sem a devida transparência (fato que também ocorre em nossas comunidades nos dias atuais). A sabedoria e a presteza com que os apóstolos perceberam o ambiente e agiram, mostra a sensibilidade que tinham, aliada a preocupação de não deixar que o fato azedasse o ambiente, além de evitar que se desviassem de seu chamado ministerial. O texto não é claro a respeito, mas provavelmente conversaram antes entre si e então convocaram a assembleia dos irmãos. Quem sabe não teria sido a assembleia de instalação da 1ª Igreja Congregacional de Jerusalém? (poderia ter sido Batista também!). Vemos aqui, claramente, as duas instâncias que pensamos serem as mais adequadas no governo de uma igreja local: Os seus líderes (presbíteros, anciãos, equipe pastoral) e a assembleia de todos os membros, com suas responsabilidades e privilégios nitidamente estabelecidos. Esse modelo se repete, entre outros momentos, no chamado 1º Concílio de Jerusalém em Atos 15.

É interessante notar que os apóstolos não distinguiram em importância ou nobreza o que eles mesmos faziam (consagrados à oração e ao ministério

da palavra), daquilo que os sete a serem escolhidos pela comunidade deveriam vir a fazer, para suprir aquilo que ainda não era feito de forma adequada em função de uma nova demanda. Tem nos faltado como igreja, contemplar com o mesmo olhar e dignidade os diversos ministérios de acordo com as diferentes vocações (Ef 4.7-16; 1Co 12.1-31). Assim, 7 homens foram escolhidos pela comunidade, 6 deles de origem helenista e um que era prosélito (gentio convertido ao judaísmo), embora isso não significasse qualquer tentativa de agradar mais a um grupo que a outro, mas que era o resultado do critério proposto: Homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, capazes de enfrentar o desafio (At 6.3). Foram então investidos nos seus ministérios com a imposição de mãos por parte dos apóstolos e isso trouxe alegria a toda a comunidade. Vencida mais essa tentação de Satanás em desestabilizar a igreja nascente, o verso 7 assinala o bom resultado disso tudo.

4.3 – Estêvão e Saulo (At 6.8 a 8.1)

Antes de entrarmos propriamente nas considerações do curto e marcante ministério de Estêvão e o surgimento de Saulo no seu martírio, vamos assinalar o seguinte: Entre a insipiente institucionalização da igreja (At 6.1-7) e o início das viagens missionárias de Paulo (At 13.1ss), 5 personagens marcaram e, de certa forma, viabilizaram com suas participações nesse período, o estabelecimento e desenvolvimento da missão mundial da igreja – Estêvão, o mártir; Felipe, o evangelista; Saulo, o fariseu (e o grande herói de Lucas); Cornélio, o centurião; e Pedro, o judeu que não considerou imundo o que Deus havia purificado! Nesta e na próxima aula estudaremos sobre os cinco.

Estêvão, o diácono, continuava a ser o pregador incansável, mesmo com as suas novas funções na igreja. Ele, como também Felipe, além de pregadores, faziam sinais e prodígios da mesma forma que os apóstolos. O ambiente de crescimento da igreja nascente era todo judaico, fosse ele palestinese ou helenista. Havia também diversificações nas sinagogas, entre elas a que se chamava 'dos Libertos', por se tratar de uma comunidade de judeus que haviam sido escravos em outros países e tinham sido libertos, voltando assim para a Palestina. Não se sabe exatamente porque, a pregação de Estêvão suscitou um antagonismo feroz por parte do grupo citado no verso 9. Esse antagonismo se inicia em forma de discussão teológica. Ao não reconhecerem a profundidade e o conhecimento de Estêvão acerca das escrituras e da história de Israel (at 6.10) e não podendo sobrepor-se a ele em argumentos, essa discussão teológica transforma-se em um debate aberto, com uso de recursos

escusos e desonestos chegando ao ponto de subornarem pessoas para o caluniarem (At 6.11-14). O passo seguinte já toma aspectos ameaçadores ao levá-lo de forma intempestiva diante do Sinédrio, o que acabou por implicar na sua morte violenta logo depois, com foros de legalidade. Vemos aqui o processo comum que muitas vezes a oposição toma, descendo da teologia para a violência! “No início, há um sério debate teológico. Quando isso fracassa, as pessoas começam uma campanha pessoal de mentiras. Finalmente, recorrem a ações legais ou quase legais numa tentativa de se livrarem do adversário pela força.” (John Stott) Pensamos sempre que corremos o risco de outros usarem essas armas contra nós, mas Deus nos livre para que nunca recorramos a elas!

A reação a pregação de Estêvão foi a mesma a de Jesus, no que se referia ao templo e a lei. Deus não habita em templo feito por mãos humanas, mas no coração daqueles que o recebem, e Jesus é o próprio cumprimento da lei. Na sua resposta Estêvão passeia pelo VT desde Abraão, passando por José e Moisés, chegando a Davi e Salomão. Em tudo mostrando as escrituras apontando para o Justo, que agora foi traído e morto por eles. Interessante é que quando inicia seu pronunciamento, o seu rosto fica semelhante ao de um anjo (At 6.15), lembrando tanto Moisés quando desceu do Sinai com as tábuas da Lei, como Jesus no monte da transfiguração. É significativa também a semelhança com Jesus no momento de sua morte, quando invocava o Senhor e dizia: *“Senhor Jesus, recebe o meu espírito!”* e também *“Senhor, não lhes imputes este pecado!”* (At 7.59 e 60). O conteúdo da defesa de Estêvão perante o Sinédrio (At 7.2-53) é uma das mais significativas e esclarecedoras passagens do NT acerca da história da salvação. É para ser lido e relido de forma a fixar em nossas mentes e corações, não apenas o seu conteúdo mas o caráter daquele homem cheio de fé e do Espírito Santo que marcou de forma única o estabelecimento da igreja, tornando-se o seu primeiro mártir.

As citações de Atos 7.58, 8.1 e 8.3, nos introduzem a figura de um jovem chamado Saulo, do qual saberemos mais tarde tratar-se de um fariseu, educado aos pés de Gamaliel e que foi feroz perseguidor dos cristãos na igreja nascente. Entretanto, foi exatamente sua presença em atitude condescendente na morte de Estêvão, que viria a alterar profundamente o destino de sua própria vida.

A partir de então, logo após a morte de Estêvão, levantou-se tremenda perseguição contra uma igreja que ficou abalada diante do ocorrido. Os discípulos foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria, mas não

tiveram sua fé abalada. Pelo contrário, aonde fossem pregavam a palavra (At 8.1-4).

4.4 – Felipe em Samaria e em Gaza (At 8.5-13 e 26-40)